

Reconfigurando o espaço e o sujeito em *Combi* de Ângela Pradelli e *Passageiro do fim do dia* de Rubens Figueiredo

Reconfiguring the space and subject in *Combi* by Ângela Pradelli and *Passageiro do fim do dia* by Rubens Figueiredo

Renata Flávia Marcolino de Souza

Mestranda do programa de pós-graduação em Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: renataflaviam@gmail.com

Resumo:

Os constantes deslocamentos caracterizam as sociedades pós-modernas e transformaram-se na nova condição da humanidade, evidenciando o momento atual das sociedades contemporâneas denominado de globalização. Através dos meios de transporte ou das viagens, as mobilidades espaciais permitem o contato com o Outro e requer, a partir desse encontro, um constante processo de reconfiguração identitária. Assim, esse trabalho analisa a experiência do deslocamento territorial presente nas obras *Combi* (2007), da escritora argentina Ángela Pradelli e *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo, escritor brasileiro, verificando como a errância modifica e redefine o sujeito em trânsito. Para a análise, utilizam-se concepções de Modernidade e Globalização de Bauman (1999; 2001); o conceito de não-lugar e identidade de Augé (1995); Ianni (2000) para as inter-relações entre viagem e identidade e Manzoni (2007) e Toro (2010) para o conceito de deslocamento.

Palavras-chave: Deslocamento - Não lugar - Identidade.

Abstract:

The constant displacements are the defining characteristics of the post societies and became the new condition of humanity, pointing the current moment of contemporary societies as called globalization. Through transportations or travels, spacial mobilities allows contact with the Other and requires, from that encounter, a constant identity reconfiguration process. This work analyzes the experience of territorial displacement present in *Combi* (2007), by the writer Ángela Pradelli and *Passageiro do fim do dia* (2010), by Rubens Figueiredo, Brazilian writer, checking how wandering changes and redefines a subject in transit. The analysis is fundamented on concepts of Modernity and Globalization of Bauman (1999; 2001); the concept of non-place and identity of Augé (1995); Ianni (2000) for inter-relationships between travel and identity and Manzoni (2007) and Toro (2010) for the concept of displacement are used.

Keywords: Displacement - Non Place - Identity.

1. Introdução:

Os constantes deslocamentos configuram uma característica atual das sociedades contemporâneas, desencadeados pelo fenômeno da globalização e do avanço tecnológico. Essa modificação no modo como as relações sociais aconteciam gerou maior integração entre pessoas e nações e, por outra parte, reconfigurou a noção da dependência tempo-espaço. Assim, a necessidade de um determinado tempo para fazer algo ou chegar a algum lugar transformou-se em uma “instantaneidade”, os limites foram diluídos e tornaram-se alcançáveis de maneira mais rápida ou mesmo imediata.

Tal transformação foi impulsionada principalmente pelo processo de evolução dos meios de transporte, os quais formaram a base para o deslocamento de natureza física (BAUMAN, 1999). O movimento acelerado desses meios que fazem parte dos espaços urbanos e cosmopolitas facilitou as transições espaciais, especialmente a centro-periferia, permitindo assim maior possibilidade ao deslocamento e o encurtamento de distâncias.

As viagens e os transportes propiciaram uma desestruturação dos conceitos, até então rígidos, de nação e de cultura. A partir do momento em que um indivíduo dotado de características próprias, provindas de determinado meio coletivo, movimenta-se por novos espaços, muitas vezes sem o objetivo de interagir nem com esse espaço e nem com o Outro, ele se vê inserido em um processo subjetivo que provoca estranheza, afronta ou choque entre a sua cultura e a cultura externa.

Assim, é possível relacionar a movência territorial, através de meios de transportes, com o próprio indivíduo deslocado, seja em sua própria nação ou como estrangeiro, e as consequências geradas na sua subjetividade a partir do contato com novos costumes, crenças, aspectos morais e principalmente o seu contato com o Outro. A partir do desenvolvimento das sociedades marcadas por esses fenômenos da contemporaneidade, se verifica como tais transformações são retratadas nas narrativas literárias contemporâneas e como os conceitos de espaço e tempo se relacionam com o sujeito em meio aos constantes deslocamentos, externos e internos, a fim de captar de que maneira sua identidade é impactada por essa transitoriedade.

A relação entre movência e subjetividade explica o fato de as identidades estarem no centro das discussões culturais contemporâneas, uma vez que os conceitos de identidade e espaço estão conectados com a experiência dos sujeitos em trânsito. Por tal motivo, analisam-se os deslocamentos externo e interno e suas contribuições para a reconfiguração da identidade do sujeito contemporâneo a partir da ideia da construção de um espaço e da desconstrução de um não lugar nos romances *Combi* (2007), da escritora argentina Ángela Pradelli, e *Passageiro do fim do dia* (2010), do escritor tradutor brasileiro Rubens Figueiredo.

O romance de Ángela Pradelli permite tal análise ao focar um não lugar, o meio de transporte Kombi, que se desloca diariamente da praça de Adrogué à cidade de Buenos Aires. Esse espaço é compartilhado por quinze passageiros de diversas nacionalidades que comungam para o objetivo de chegarem aos seus destinos. Nessa travessia, a Kombi se transforma no espaço da espetacularização, onde não existe qualquer interação pessoal ou espacial, pois o espaço e os outros passageiros não instigam nenhum tipo de interação. A narrativa é marcada pela tensão de uma manifestação em um local determinante do itinerário, a ponte Pueyrredón. Enquanto ocorre o deslocamento externo por meio da Kombi, os personagens sofrem um deslocamento interno que lhes proporciona redescobrirem-se idênticos e transfigurados.

Seguindo uma narrativa semelhante está o romance *Passageiro do fim do dia* (2010), o qual também retrata um meio de transporte, um ônibus, que rotineiramente leva Pedro do centro até periferia da cidade do Rio de Janeiro. Já no início do trajeto, uma inquietude ocupa o espaço de trânsito e através de rumores entre os passageiros, se evidencia a notícia de que uma manifestação está acontecendo próximo à parada final do itinerário. Durante a viagem, Pedro começa uma série de pensamentos que evocam suas memórias sobre um livro que leu e sobre suas mudanças identitárias a partir do contato com a cultura e as pessoas que vivem no Tirol, seu destino e parada final do ônibus.

2. Espaços de trânsito

O advindo dos meios de transportes não foi apenas um impulso para a globalização, foi também promotor de expressivas transformações temporais por intermédio do movimento acelerado desses meios que facilitou as transições espaciais, principalmente a centro-periferia. Segundo Bauman (1999, p. 9), a transformação na relação espaço/tempo alterou as relações de poder entre as regiões centrais e periféricas: “o novo centro dá um novo verniz às distinções tradicionais entre ricos e pobres, nômades e sedentários, ‘normais’ e anormais ou à margem da lei”. Os indivíduos passaram a ocupar os espaços limitados, até então, pelas distâncias.

Nas viagens, a rotina também faz parte do trajeto, o qual se apresenta de forma fixa, sem a possibilidade de alteração ou flexão, sendo realizado através de um itinerário com diversos pontos em que o transporte realiza paradas para a subida de passageiros. No romance *Combi* (2007), de Ángela Pradelli, o deslocamento ocorre por intermédio de uma Kombi, meio de transporte utilizado pela própria autora em sua vida cotidiana. A kombi circula rotineiramente pelos espaços urbanos e cosmopolitas da cidade de Buenos Aires e transporta diferentes indivíduos com diferentes histórias, discursos e culturas. A cada capítulo, a narrativa expõe um determinado ponto dessas cidades para o embarque de um passageiro:

Hacia ya tres años que Esteban era chofer en una agencia de transporte de pasajeros y manejaba una combi de quince asientos que hacía el recorrido entre Adrogué y Buenos Aires de ida y vuelta varias veces por día. Hacia el primer viaje a las nueve en punto, salía de la parada de la plaza San Martín de Adrogué y recorría Hipólito, Irigoyen, atravesando Tundera, Témporley, Lomas de Zamora, Banfield, Remedios de Escalada, Lanús, Gerli, Avellaneada y después de cruzar el puente Pueyrredón, entraba en Buenos Aires y terminaba el recorrido en el Teatro Colón. (PRADELLI, 2007, p.16)

A espera pela saída dos transportes no “ponto final” é o início do itinerário para parte dos passageiros retratados nas narrativas, é o lugar de origem do seu trajeto pessoal: “Havia alguns meses que toda sexta-feira, à mesma hora, Pedro ia para aquele ponto final, tomava seu lugar na fila” (FIGUEIREDO, 2010, p. 2). A partir do momento que o transporte inicia viagem e para nos pontos seguintes, para os passageiros que já estão em seus assentos, essas paradas somente fazem parte do itinerário, do roteiro da viagem, tornam-se um mero nome, pois o vínculo desses indivíduos com esses lugares é meramente o de passagem. Esses espaços não são nem mesmo atração visual ou paisagens contemplativas ao passageiro que passa rotineiramente por eles, nada significam e, assim, o meio de transporte e todo o trajeto transformam-se em não-lugares.

A permanência no transporte é apenas um meio de chegarem ao seu verdadeiro objetivo, não há relação com o espaço, nem com os sujeitos que ali estão, cada um deles se mantém em sua individualidade e aguardam a chegada ao seu destino. Esses comportamentos caracterizam o não-lugar, esse espaço “que não se pode definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (AUGÉ, 2007, p. 73). As relações existentes no não-lugar são marcadas por uma superficialidade, são interações que começam e terminam naquele momento sem gerar a ideia de continuidade.

Nesse sentido, Bauman (2003, p. 111) aborda essas relações como um encontro de estranhos, momentos em que “não há uma retomada a partir do ponto em que o último encontro acabou, nem troca de informações sobre as tentativas, atribuições ou alegrias desse intervalo, nem lembranças compartilhadas: nada em que se apoiar ou que sirva de guia para o presente encontro”. Apesar de ocuparem o mesmo espaço e alguns passageiros serem capazes de reconhecer a fisionomia e até determinados comportamentos uns dos outros, não há uma interação íntima e familiar entre eles. Os contatos são rápidos, artificiais e, em sua maioria, dizem respeito a informações sobre o próprio trajeto que está sendo realizado.

Na obra de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), o deslocamento territorial ocorre através de um ônibus. A narrativa convida o leitor a acompanhar Pedro, personagem principal, no rotineiro percurso que faz aos finais de semana desde o centro de uma grande cidade até o bairro do Tirol, periferia onde mora sua namorada Rosane:

Havia alguns meses que toda sexta-feira, à mesma hora, Pedro ia para aquele ponto final, tomava seu lugar na fila. Já conhecia de vista vários passageiros. Sem nenhum esforço e sem a mínima intenção, já sabia até alguma coisa a respeito de alguns — já contava com a irritação desse e com a resignação de um outro, por causa da demora do ônibus. Às vezes, sem perceber, chegava a brincar mentalmente, testava como as reações deles eram previsíveis. E por esse caminho misturava-se àquela gente, unia-se a alguns e, a partir deles, aproximava-se de todos. Mesmo assim, mesmo próximo, estava bastante claro que não podia ver as pessoas na fila como seres propriamente iguais a ele. (FIGUEREIDO, 2010, p. 6)

Nos não-lugares, o sujeito está sozinho ainda que esteja rodeado de vários outros. São espaços que “criam tensão solitária” (2007, p. 87) e não induzem nem a relação nem a interação, pois o sujeito tem sua conduta em público limitada por um número reduzido de regras simples e de fácil aprendizagem que ele deve seguir, como esclarece Bauman (2001, p. 111):

Os não-lugares [...] desalentam qualquer ideia de “permanência”, impossibilitando a colonização ou domesticação do espaço. [...] os não-lugares aceitam a inevitabilidade de uma permanência prolongada de estranhos, de modo que esses lugares permitem a presença “meramente física” – ainda que diferenciando-a muito pouco da ausência de seus “passageiros”, já que anulam, nivelam ou esvaziam-se de toda subjetividade idiossincrática. Os residentes temporários dos não-lugares variam, e cada variedade tem seus próprios hábitos e expectativas: o truque consiste em transformá-los em irrelevantes durante o tempo de sua estada (grifo do autor).

De maneira progressiva, os não-lugares integraram os espaços nas cidades cosmopolitas, são os espaços públicos nos quais os seus habitantes paulatinamente migram para eles. Se caracterizam como um não-lugar os aeroportos, as salas de esperas, as vias rodoviárias, os meios de transporte etc. Segundo Bauman (2001, p. 112), os espaços públicos são lugares que as pessoas compartilham apenas como pessoas públicas - ou seja, nesses espaços, o indivíduo pode interagir socialmente sem que seja obrigado a “... retirar a máscara, soltar-se, expressar-se, confessar seus sentimentos, sonhos ou preocupações mais profundos”. Nos espaços públicos, as subjetividades são suprimidas e não ocorre a interação entre os indivíduos e nem com o espaço em si.

O encontro com o Outro não é esperado, não é ensaiado, não existe um ponto a continuar ou uma conversa a ser retomada porque não é premeditado, nem planejado, ocorre de forma breve. No encontro de estranhos existe certo esforço para o distanciamento relacional e para a comunicação, acredita-se que foi criado um conjunto de regras sociais que sustenta essa distância do Outro. Assim, quando ocorre esse encontro, paira sobre o nível superficial, limita-se a frases

descomprometidas e sem marcas de identidade. Através de “máscaras”, protege-se a verdadeira identidade de um ser e o faz praticar, de forma segura, a essência do que Bauman (2001, p. 122) cita como “civildade”. As relações sociais desse tempo fluido instruem o indivíduo a evitar o encontro ou, quando não se pode, restringir essa relação a um caráter padronizado e raso, diferindo das relações pessoais com amigos e familiares com os quais se tem afetividade e ligação.

3. Deslocamentos e a mescla de culturas

As narrativas analisadas no presente trabalho dialogam sobretudo no que diz respeito ao movimento, ao deslocamento sofrido pelos personagens e as consequências geradas em suas identidades. Como os personagens da narrativa de Ángela Pradelli, na narrativa de Rubens Figueiredo, Pedro também está em um processo de deslocamento geográfico através de um não-lugar: “Os quase cinquenta assentos do ônibus foram ocupados. Entraram mais dez passageiros que se espalharam, de pé, pelo corredor” (2010, p.13). Apesar de demonstrar não ter pressa em chegar, seu objetivo é cumprir com o hábito de toda sexta-feira: fazer o trajeto que o levará até a periferia da cidade para permanecer na casa da sua namorada durante o final de semana.

Os deslocamentos geográficos retratados nas obras através da Kombi, em *Combi* (2007), e do ônibus, em *Passageiro do fim do dia* (2010), cumprem o trajeto “centro-periferia”. Assim, é possível verificar que o deslocamento não acontece apenas em um movimento transnacional, mas também é um fenômeno bastante ativo dentro dos territórios nacionais, capaz de produzir os mesmos efeitos no indivíduo que está exposto a tais trânsitos. Através das duas polaridades, “la idea de diáspora – dispersión en su sentido más lato – supone la existencia de un centro a partir del cual se realiza esa dispersión o también diseminación” (MANZONI, 2007, p.3).

Nas narrativas, os objetivos e comportamentos dos sujeitos que estão em trânsito apresentam uma clara distinção quando seu destino final é o centro ou a periferia. Em *Passageiro do fim do dia* (2010), não há uma preocupação tão evidente com o tempo determinado, com um horário. No fim do dia, o transporte sai do centro em direção a periferia, sendo possível observar que a motivação para chegar ao destino final está no cansaço marcado pelas atividades laborais que realizaram durante todo o dia, evidenciadas como serviços braçais, que demandaram esforço e que geraram efeitos no aspecto físico dos passageiros:

Como os outros, estava cansado. Não tinha carregado caixotes de frangos congelados para a caçamba de um caminhão nem havia esfregado corredores e escadas de um

prédio de quinze andares de cima até embaixo como alguns outros ali, mas tinha ficado muito tempo em pé no trabalho. (FIGUEREIDO, 2010, p. 7)

Em *Combi* (2007), o trajeto realizado se inicia pela manhã, em uma cidade periférica, Adrogué, rumo ao centro cosmopolita do território argentino, a cidade de Buenos Aires. Nesse romance, percebe-se que há sim uma preocupação com o horário e certa preocupação com a possibilidade de um atraso. Cada passageiro tem seu propósito pessoal ao chegar ao destino final, embora a maior parte deles esteja em deslocamento com o fim de chegar ao local de trabalho. Jose W, personagem chave para a análise de *Combi* (2007), é um polonês que uma vez por semana viaja até Buenos Aires para procurar seu irmão que se perdeu dele, no porto, quando os dois migraram, ainda crianças, para a Argentina. Este era o seu único objetivo: “volver con su Hermano a Polonia y visitar juntos la tumba de sus padres. Y morir los dos allá” (PRADELLI, 2007, p. 131).

Essa movência territorial agregou uma nova faceta por se tratar de um deslocamento em que o indivíduo deslocado, seja em sua própria nação ou como estrangeiro, não apreende novos costumes, crenças e aspectos morais, mas, a partir da mescla, do contato com o Outro e com outras culturas, forma uma nova. Assim, a mudança geográfica e cultural permite a possibilidade de uma modificação subjetiva no indivíduo. Essa cultura do deslocamento, não apresenta, portanto, uma origem, pois o ser deslocado não consegue voltar a um ponto inicial, sendo também chamada de terceira cultura (TORO, 2010, p. 11).

Em *Passageiro do fim do dia* (2010), Pedro é o personagem que rotineiramente se desloca para entrar em contato com outros espaços, outras pessoas e outra cultura. Apesar de residir na mesma cidade que sua namorada Rosane, são bem marcadas as diferenças existentes entre o bairro que vive, no Centro, e o Tirol, na periferia do Rio de Janeiro. O jovem reconhecia que, mesmo partindo do mesmo lugar, com o objetivo de chegar ao mesmo destino, não se enxergava como igual: “Pedro era obrigado a reconhecer que o impulso de partirem todos juntos na mesma direção e o afã de pontualidade, ou pelo menos de constância, não bastavam para fabricar um sangue comum” (2010, p. 6).

Além disso, os moradores do Tirol também não enxergavam Pedro como um deles. A narrativa retrata o olhar do pai de Rosane sobre ele:

O pai de Rosane olhava para ele com uma certa reserva, com uma curiosidade reprimida, mas no fundo hospitaleira — como se Pedro fosse alguém que vinha de longe, de um outro país. Ao mesmo tempo, o pai de Rosane fazia questão de tratá-lo com o ar de quem diz: eu conheço gente feito você, sei muito bem como são as pessoas lá de onde você veio. (2010, p. 64)

Evidencia-se, então, o sentimento de estrangeiro dentro da própria pátria, de não pertencimento àquele espaço que faz parte da sua própria cidade, mas que apresenta rasgos tão distintos. Segundo Canclini (2014, p.5), “la extranjería no se muestra tanto como consecuencia de los viajes y del cambio de país, sino por desacomodar las clasificaciones convencionales de unos y otros grupos, aun en la misma sociedad. El extranjero no es sólo el que está lejos o del otro lado de la frontera”.

Os deslocamentos rotineiros, porém, colocavam em contato, longe da sua própria vontade ou escolha, a cultura interior de Pedro, do lugar onde vivia com a sua mãe, com a cultura do Tirol, seu lugar de destino nos finais de semana. A partir disso, a narrativa mostra que ainda que não quisesse, a mescla entre culturas se torna intrínseca a Pedro, ela acontece e se torna parte da sua identidade:

Menos do que convencer, menos do que apresentar razões, era uma coisa que o impregnava — assim como impregnava Rosane e seus vizinhos. Pedro notava. Eles, muitos deles, resistiam, negavam, se opunham, queriam se opor o mais possível, cada um a seu modo — procuravam escapar. Mas aquilo se impunha à força, de todas as direções, sem descanso. Não dependia do raciocínio nem da opinião de ninguém. No caso de Pedro, havia uma diferença. Ele não precisava ficar no Tirol. Sempre saía de lá domingo à noite, para voltar só na sexta-feira seguinte. E sabia disso muito bem: uma questão de tempo, de dias. O Tirol para ele tinha horário certo. Pedro podia nem ir lá, na verdade, podia ficar na casa de sua mãe — onde o ar e o cheiro, onde as paredes e o chão, de casa e da rua, onde a luz da janela e tudo parecia tão diferente e assinalava — de um modo brusco e até petulante — uma segurança e uma distância em relação ao Tirol. Só que no caso de Pedro ultimamente havia mais do que isso. O Tirol, confundido com Rosane, ou quase tomando o lugar dela, ou mesmo tomando o lugar das pessoas que, como Rosane e sua família, moravam lá — o Tirol exercia uma espécie de atração, às vezes violenta, que Pedro queria rechaçar. Mas de alguma parte, sem ele entender, surgia em Pedro um impulso de se agregar, de desaparecer ali: a sugestão meio brutal de que aquilo tudo era um predicado seu, um dom, e que fazia parte dele mais do que qualquer outra coisa. (2010, p. 96)

A mescla de culturas não acontece de maneira a que uma se sobressaia sobre a outra, não é uma espécie de substituição, mas sim, um diálogo que gera um novo estágio cultural. A terceira cultura ocorre a partir da “producción cultural simultanea que se inter-relaciona em ese continuo contacto entre culturas” (TORO, 2010, p. 11), com a qual o indivíduo consegue enxergar-se como sujeito. Dessa maneira, evidencia-se a capacidade dos deslocamentos geográficos em gerar deslocamentos internos nos indivíduos, reconfigurando sua subjetividade, seus conceitos culturais e suas noções de língua.

No romance *Combi* (2007), muitos personagens têm suas vidas marcadas pelos deslocamentos geográficos, sobretudo em um movimento transnacional como é o caso da jovem japonesa Megumí, que vive na Argentina, da peruana América Lévano, de Pina Levy, que migrou para Israel e o polonês Jose W., sujeitos que levam dentro de si a marca de uma pátria natal, de uma cultura originária. Quando indivíduos que já carregam em seu interior rasgos de culturas, linguagens e tradições particulares, entram em contato com outra nação, querendo ou não, são também expostos a uma reformulação da identidade, tornam-se portadores de identidades móveis. Através dos deslocamentos e do contato com o Outro, o conceito de identidade se revela como mutável, não fixo, capaz de se reestruturar por completo, apenas pelas relações com o Outro, com outra cultura:

Em toda parte estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (HALL, 2005, s/p).

Através de Jose W. se verificam as consequências do deslocamento transnacional e dos constantes deslocamentos rotineiros no indivíduo. Josef Wroblewski, um polonês de 74 anos, já conhecido pelos motoristas das kombis, viajava semanalmente a Buenos Aires a fim de procurar por seu irmão. Seu único objetivo era esse, encontrá-lo e voltarem para seu país, fomentando assim, sua permanência na Kombi como um não-lugar, como o espaço de trânsito até chegar ao seu destino e cumprir seu propósito final. Essa ideia é desestruturada, porém, quando Josef começa a contar histórias para os passageiros da kombi, sendo possível verificar claramente a mescla de culturas e a reconfiguração sofrida em sua identidade:

A Josef le gustaba contar historias, pero nadie las entendía porque empezaba contándolas en un español mezclado con algo de polaco que lo hacía sonar seco. A medida que avanza en la historia, pasaba del español al polaco sin darse cuenta y ya no podía volver al español. Terminaba siempre contando en polaco y llorando y nadie entendía lo que decía. (PRADELLI, 2007, p. 131)

A partir da fala de Jose W. se nota que os constantes deslocamentos sofridos e o contato com a cultura argentina, o fizeram gerar também um deslocamento linguístico, o qual se desenvolve a partir de uma mescla entre a sua língua materna e o espanhol. O personagem transita entre uma língua e outra, evidenciando, assim, os efeitos dos fenômenos da Pós-modernidade nos sujeitos contemporâneos, marcados ou não pela desterritorialização. Os deslocamentos externos representam também a possibilidade de um deslocamento interno, capaz de gerar uma reconfiguração identitária no sujeito e a atribuição de seu caráter móvel e híbrido.

Nesse ponto, na fala de Josef, é possível verificar a tentativa de ruptura dos conceitos que caracterizam o não-lugar, esse espaço de interações artificiais, não relacional, sem históricos. O polonês começa um diálogo, uma interação com os outros passageiros, contando histórias sobre sua vida pessoal e familiar e ainda que não consigam entender o que ele está dizendo, criam suposições e interagem entre si de maneira a encontrar sentido na história do velho senhor:

Lo que nadie sabía ahí, entre los pasajeros de la combi, era por qué lloraba el polaco. Porque tiene una vida triste, decía Megumí. Por su hermano que nunca apareció, decía Bruno. Debe de llorar por la guerra, decía Leyla. Olga pensaba que Josef lloraba por Polonia. Otros creían que lloraba porque al hablar siempre perdía las palabras o porque las recuperaba en polaco. Lo que Josef contaba mientras hablaba en polaco y lloraba eran historias de sus padres y de su hermano, historias de cuando vivía en Polonia, pero nadie ahí en la combi ni en ningún lado podía entender esos relatos. (PRADELLI, 2007, p. 132)

4. O aparecimento do lugar

Quando as relações superficiais que permeiam o não-lugar sofrem uma quebra e em seu lugar interações pessoais são realizadas, ocorre uma reconfiguração desse espaço e ele perde seu caráter “provisório” para dar lugar a um novo significado relacional, identitário e histórico, transformando-se em um lugar: “O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente” (BAUMAN, 1999, p. 74). A ressignificação gerada reestrutura a base desse espaço, que outrora era ausente de significação e nesse momento, adquire características que o fazem ser um lugar visto, relacional, retentor de significado. Os próprios sujeitos são os formadores da transformação do não-lugar em um lugar.

Em determinado momento das narrativas analisadas, um clima de tensão invade o não-lugar e começa a modificar as relações entre os passageiros. Essa transformação é impulsionada quando, em ambas as narrativas, ouve-se o rumor de que está acontecendo uma manifestação próxima a parada final do transporte e por isso será necessário fazer uma mudança no itinerário. Essa possibilidade de modificação do trajeto, modifica também as regras da “civildade”, provocando as relações entre os indivíduos e entre o espaço:

O motorista apoiou o cotovelo na beirada, pôs a cabeça meio grisalha na janela [...] e transmitiu um aviso para o motorista do ônibus de Pedro: a empresa deu ordem para nenhum motorista ir até o fim. [...] Já não era boato, agora era oficial. Soaram palavrões entre os passageiros, a mulher que deixara a sacola plástica com fios e um telefone no colo de Pedro chegou a fazer cara de choro, sua boca se contraiu por um momento, a pele tremeu em volta dos lábios. Mas ela se conteve, fechou os olhos, respirou fundo. Nisso, lá na frente, alguns passageiros quase se debruçaram sobre o motorista, se exaltaram. Outros gritaram para ele de longe — um mais descontrolado até ameaçou

deprecar o ônibus ali mesmo de uma vez, se ele não seguisse o trajeto normal.
(FIGUEREIDO, 2010, p. 33)

A partir das reações coletivas geradas pela ressignificação do espaço e do rompimento com a “civildade”, configura-se mais uma força para a mudança subjetiva do indivíduo. O ato de deslocar-se é capaz de provocar no viajante uma experiência de transformação interna, pois através do contato com o Outro, enquanto se mantém em trânsito, “desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades” (IANNI, 2000, p. 14).

Em *Combi* (2007), a tensão solitária característica do não-lugar perde seu espaço para o pensamento coletivo sobre as decisões a serem tomadas mediante a situação de tensão e perigo. Os passageiros se sentem ameaçados pelos manifestantes que estão ao redor da Kombi, batendo e gritando, e se perguntam sobre o que devem fazer:

- Tenemos que volvernos—dice Olga—. Esto es un peligro.
- Bajemos—dice Ivo—.¿Qué nos vamos a quedar haciendo arriba de esta combi?
- No tendríamos que haber dejado que Josef bajara—dice Bruno.
- Hay que ir a buscarlo—insiste Megumí. (PADRELLI, 2007, p. 283 -4)

Esse momento define a Kombi como um lugar. Quando os manifestantes começam a tocá-la e intimidar os passageiros que estão do lado de dentro, esse espaço passa a ser identitário, relacional e capaz de gerar um histórico, ocorre o aparecimento do lugar. Dessa maneira, o deslocamento geográfico com destino a Buenos Aires somado ao deslocamento interno vivido ao longo da viagem pelos passageiros resulta em uma reconfiguração da identidade e no apagamento de um não-lugar para dar vez a um lugar.

5. Conclusão

As obras *Combi* (2007), de Angela Pradelli, e *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo, são um retrato dos fenômenos que integram a vida na Pós-modernidade. Em ambas as narrativas, os personagens estão inseridos em um meio de transporte que rotineiramente faz o mesmo caminho por um trajeto centro-periferia. Nessa viagem, o espaço de movência é uma Kombi, na obra de Angela Pradelli, e um ônibus, na narrativa de Rubens Figueiredo, e se apresentam como um não-lugar, ou seja, um lugar de passagem, onde os passageiros não interagem entre si nem com o próprio espaço.

Durante o trajeto, porém, um clima de tensão é gerado a partir de uma possibilidade de desvio no itinerário, causado, em ambas narrativas, por uma manifestação nas ruas próximas ao destino final. Com isso, os passageiros iniciam uma desestruturação do não-lugar porque o meio de transporte ao qual estão inseridos, passa a ser um espaço relacional, onde os passageiros se expressam sobre a possível mudança de rota e pensam coletivamente em uma solução. Assim,

esse espaço ganha as características de um lugar, adquirindo um significado relacional, identitário e histórico.

As duas obras abordadas no presente trabalho mostram que as reconfigurações sofridas pelo espaço também acontecem na subjetividade dos passageiros que nele estão. Os constantes deslocamentos geográficos, seja em um sentido transnacional ou dentro da própria nação, geram no indivíduo deslocamentos internos. Como é possível verificar nas obras, estar em contato com o Outro e com outra cultura cria a possibilidade da reconfiguração da sua identidade.

Referências:

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos lugares. In: _____. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. De Maria Lucia Pereira. 7 ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 71-105.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1999.

_____. Espaço/Tempo. In: _____. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 107 -47

CANCLINI, Néstor. **El mundo entero como lugar extraño**. Editorial Gedisa, 1ª edición, 2014.

FIGUEIREDO, Rubens. **Passageiro do fim do dia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. **Enigmas da Modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.11-32.

MANZONI, Celina. Diáspora, nomadismo y exilio en la literatura latinoamericana contemporánea. Disponível em:

<<http://repositories.lib.utexas.edu/handle/2152/4102?show=full>>. Acesso em 04/02/2011.

PRADELLI, Angela. **Combi**. Buenos Aires: Emecé/ Cruz del Sur, 2007.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. **Extravío**. Revista electrónica de literatura comparada, Universitat de València, num.5, 2010.